

***Quinto Distrito de Taquara? Não! A “Suíça Brasileira”:  
as origens do turismo em Gramado  
(Rio Grande do Sul, século XIX-XX)***

*Eduardo da Silva Weber*<sup>1</sup>

*Daniel Luciano Gevehr*<sup>2</sup>

## **Introdução**

Marc Bloch, há muito tempo, ensina os historiadores a tomarem o presente como ponto de partida para analisar o passado. Pois bem, Gramado é, atualmente, um destino turístico de renome nacional e internacional, conhecido pelos eventos e características culturais de origem europeia, sobretudo a arquitetura e a culinária. Para atender essa demanda, existe uma estrutura de serviços, incluindo restaurantes e hotéis dos mais variados tipos, que geram desenvolvimento local e regional.

Segundo os últimos dados da FEE (2015), os serviços turísticos detêm mais de 70% das receitas municipais e, de acordo com dados históricos do mesmo órgão, em 1959, pouco após a emancipação política, o mesmo setor já detinha 50% da arrecadação. Nesse sentido, a presente pesquisa objetiva investigar os primórdios da vocação turística de Gramado, que devem ser

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de História das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT, RS, Brasil. E-mail: [eduardo.weber.historia@gmail.com](mailto:eduardo.weber.historia@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em História e professor das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT, RS. E-mail: [danielgevehr@faccat.br](mailto:danielgevehr@faccat.br).

buscados antes da emancipação de 1954, chegando até a época colonial, no século XIX.

A metodologia de estudo empregada é de caráter exploratório, descritivo e explicativo, com análise documental e bibliográfica. As fontes utilizadas envolvem documentos escritos e iconográficos diversos, presentes no Arquivo Público Municipal João Leopoldo Lied, e ainda, praticamente inexplorados, por historiadores. A título de ponto de partida, foram úteis também os escritos de pesquisadores e memorialistas locais.

O texto apresenta-se dividido em sete partes, conforme os elementos que julgamos estarem na origem da vocação turística de Gramado. São eles a geografia, o tropeirismo, a colonização luso-brasileira, a colonização ítalo e teuto-brasileira, o contexto político do RS na República Velha e os investimentos em mobilidade e urbanização

### **“No alto da Serra Gaúcha, num verde planalto ondulado”: características geográficas de Gramado**

A expressão utilizada consiste no verso que inaugura o “Hino a Gramado<sup>3</sup>”. Elaborado numa época que desejava-se a emancipação, foi utilizado como ferramenta política pelas lideranças e elite econômica que desejam a transformação de Gramado em município. Nesse sentido, atendeu aos usos tradicionais dos hinos, enquanto consolidantes de entidades políticas em formação, conduzindo à construção de uma identidade coletiva e de um ideal de pertencimento (SILVA, 2018).

A geografia está entre os elementos que podem fazer parte da estratégia discursiva dos hinos e constatou-se a sua presença no hino gramadense. Fruto de uma época de transição, quando Gramado aspirava ao status de município, continha ao mesmo

---

<sup>3</sup> Sua letra e música são de autoria do padre José Scholl. A primeira apresentação ao público, deu-se em 11 de outubro de 1953, executado pelas alunas do colégio religioso local (PIZETTA, 1973).

tempo um fechamento e uma projeção para o futuro. Apresentava características de sua história até então - na realidade, uma seleção do que desejava-se ressaltar à época - mostrando o potencial que havia para prosperar.

Convém, inicialmente, transcrever e explicar os trechos do hino onde estão presentes os elementos geográficos. Estes, até a década de 1970, foram a prioridade no discurso oferecido pelo poder público e privado aos turistas:

No alto da Serra gaúcha  
Num verde planalto ondulado  
Vislumbra-se em meio aos outeiros  
O velho e benquisto “GRAMADO”  
[...]  
Descendo as alturas do centro  
Por vales, peraus e escarpadas,  
[...]  
Riquezas da mãe natureza  
Que Deus semeou nesta terra  
Ofertam aos muitos turistas  
Saúde nos ares da Serra  
(PIZETTA, 1973, p. 14).

Gramado localiza-se nas altitudes mais elevadas do espaço geográfico comumente conhecido como Serra Gaúcha - em torno de 650m a 900m acima do nível do mar, segundo Mendes Júnior (2002). A Serra Gaúcha faz parte da Região Nordeste do Rio Grande do Sul e trata-se de uma pequena parcela a Sudeste do imenso Planalto Meridional (ou Planalto Norte Rio-Grandense), “um verde planalto ondulado”, repleto de outeiros, vales, peraus e escarpadas, e cujas altitudes variam entre 200 e 1200m.

Fotografia 1 - Paisagem de Gramado em 1938



Fonte: Arquivo Público Municipal João Leopoldo Lied, Pasta 1930B, Folha 13.

Os limites geográficos são, ao Sul, a Depressão Central, onde estão os Vales dos Rios Paranhana e Sinos. A Norte, encontra-se o Vale do Rio Caí. Pelo Leste, tem-se a Serra Geral, e a Oeste, também o Vale do Rio Caí e, pouco mais distante, o Vale do Rio Taquari.

A cidade, rodeada por rios, acaba inserindo-se nas suas bacias hidrográficas, uma vez que, grande parte dos arroios que existem no decorrer do território, são ramificações deles ou neles desagüam. Ademais, a paisagem onde fundem-se relevo e hidrografia, é responsável por produzir inúmeras cachoeiras.

Blum (1987), Mendes Júnior (2002) apontam outros elementos que localizamos no hino, que são a vegetação, caracterizada pela presença de matas nativas (araucária, gramimunha, xaxim, etc.) e vegetação rasteira, como as gramíneas.

Mendes Júnior (2002) e Daros (1993), ressaltam, ainda, a presença de paredões ou chapadões, algo que está relacionado às características geológicas. Nesse sentido, a constituição rochosa do solo é, sobretudo de basalto (origem vulcânica) e arenito, havendo alternância com terrenos argilosos e pouco profundos, vulgarmente chamados de “banhados” (BLUM, 1987; DAROS, 1993; PIZETTA, 1973).

Não-raro os paredões e rochas estão cobertos de musgos e samambaias. Sendo assim, a existência regular de plantas pré-históricas, como as briófitas (musgos), pteridófitas (samambaias e xaxins) e gimnospermas (araucárias), que necessitam de considerável umidade para a sua fecundação e reprodução, nos conduz a outra característica de Gramado: o clima.

O clima gramadense é outro elemento geográfico que aparece no hino, através da expressão “saúde nos ares da Serra”. Isso, porque, no início do século, quando ainda não haviam tratamentos para doenças respiratórias, como a tuberculose, os médicos recomendavam o clima serrano, cujo ar ajudava na cura (BEHREND, 1999; RIEGEL, 2000).

Conforme Blum (1987) o clima de Gramado é ameno e faz bem para a saúde. Suas temperaturas variam entre os limites de 30°C, no verão, e -2°C, no inverno, apesar de, ocasionalmente, serem registradas temperaturas mais altas e mais baixas. Quanto aos índices pluviométricos, no Planalto ocorrem os mais altos e, ainda que os meses chuvosos sejam de junho a outubro, o clima de verão não perde sua umidade. Durante o inverno, podem ocorrer, casualmente, geada e neve, mas o fenômeno mais comum é o nevoeiro (ou cerração) (BLUM, 1987; DAROS, 1993).

Esse relevo acidentado, com alternância de pequenas elevações e locais planos, cobertos por árvores ou vegetação rasteira, produziu uma topografia atrativa a quem passasse pela região, primeiramente para os tropeiros e depois para os turistas.

### **“Vislumbra-se em meio aos outeiros, o velho e benquisto ‘Gramado’”: um local de repouso transitório para tropeiros**

Nessa perspectiva, a memorialista local, Daros (1993; 1995), afirma que, em tempos remotos, existia um vasto gramado, localizado em área plana e rodeado de árvores e nascentes de água, e que deu fama ao território. A partir de então, a nomenclatura

“Gramado” foi incluída no vocabulário toponímico dos tropeiros, que começaram a utilizá-lo como ponto de repouso.

Desde o século XVIII, a Serra Gaúcha fora rota estratégica de tropeiros, ligando o Sul pecuarista do Estado (fornecedor de gado e animais de montaria) ao Sudeste brasileiro das minas e grandes feiras (consumidor), pelo denominado “Caminho do Sertão”. Esse caminho, aberto por volta de 1734, vinha do Sul, passando por Viamão e Santo Antônio da Patrulha, seguindo, então, pela Serra (São Francisco de Paula e Bom Jesus), em direção a Lages e Curitiba, até chegar em São Paulo.

Apesar de remeter a um sistema econômico tão distante, essa movimentação atendia aos interesses dos próprios tropeiros paulistas e lagunenses (FÉLIX, 1996), acarretando na ocupação e povoamento da região serrana gaúcha (BARROSO, 2006), incluindo Gramado. Mas não só. Sustenta Barroso (2006), que os locais onde houve percurso de tropas, foram impulsionados social, econômica e culturalmente; além disso, as paisagens foram alteradas e redes de múltiplos significados foram construídas:

A fixação humana no trilho das tropas determinou o nascimento de nucleações, fundadas pela necessidade de garantir a sua passagem ou estabelecer o fisco e/ou a cobrança das mercadorias em trânsito. Nas imediações dos passos dos rios ou dos registros/guardas fiscais arrecadadoras (pedágios do tempo colonial), não poucas povoações foram plantadas. Os locais de pousos e invernadas foram articuladores também de povoamento (BARROSO, 2006, p.172/173).

Gramado foi uma dessas áreas incorporadas ao caminho das tropas dada a sua importância como local de pouso. Isso justifica-se, pois, até o primeiro quartel do século XX, o transporte comercial até a Serra era penoso e demorado, necessitando de paradas periódicas ao longo do trajeto. Igualmente, era frequente a busca de novos caminhos, mais curtos, menos tortuosos e com possibilidade de parada. Nesse sentido, Dorneles (2001) pontua que construiu-se

uma identidade de Gramado como sendo, desde os primórdios, um local de descanso para pessoas envolvidas com o comércio, o que, de certo modo, mantem-se até hoje.

A passagem e parada dos tropeiros proporcionaria, ainda, o surgimento das primeiras hospedarias e pensões, que seriam a semente dos hotéis da região, cuja expansão numérica dar-se-á na segunda metade do século XX. Assim, o tropeirismo lega a Gramado a sua vocação hospitaleira, além de características como a transitoriedade e extraterritorialidade, antecipando aspectos que, de acordo com Bauman (2001), surgiriam apenas no estágio atual da Modernidade, além de definirem o turismo contemporâneo.

Apesar disso, os tropeiros também se fixariam. Em suas andanças pela Serra Gaúcha, haviam acumulado um considerável conhecimento geográfico, que permitiu-lhes estar um passo à frente do restante da população e, assim, chegarem antes na “corrida das sesmarias<sup>4</sup>”. Desse modo, os elementos geográficos e a presença de terras desocupadas, seriam responsáveis pela atração dos primeiros colonizadores luso-brasileiros, na segunda metade do século XIX.

## **De tropeiros a posseiros: o início da colonização luso-brasileira**

Pesquisadores e memorialistas locais, apontam José Manoel Correa<sup>5</sup>, juntamente com a esposa<sup>6</sup> Ana Brandina Aurélia do Nascimento<sup>7</sup> e filhos; e Tristão José Francisco de Oliveira<sup>8</sup>, também

---

<sup>4</sup> Terras devolutas, isto é, terras públicas desocupadas, que começaram a ser distribuídas pelo governo português, por volta da terceira década do século XVIII, visando a apropriação militar do território rio-grandense. Via de regra, sua extensão era 3 léguas por 1 légua (cerca de 13000 hectares) (PESAVENTO, 1984).

<sup>5</sup> Natural de Lages, SC. Descendente de açorianos e de habitantes de Laguna, SC (OLIVEIRA, 1996).

<sup>6</sup> Casaram-se em 12/04/1845, no município de Gravataí (OLIVEIRA, 2013, p. 63).

<sup>7</sup> Natural de Gravataí. Seu pai, de Cotia, SP e sua mãe, de Santo Antônio da Patrulha (OLIVEIRA, 1999, p. 20).

<sup>8</sup> Natural de São Leopoldo. Descendente de açorianos e de habitantes de Gravataí, Viamão, Laguna e Campos dos Goytacazes, RJ (OLIVEIRA, 2013, p. 37/38).

com a esposa<sup>9</sup> Leonor Gabriel de Souza<sup>10</sup> e filhos, como sendo os primeiros colonizadores de Gramado (BLUM, 1987; DAROS, 1993; OLIVEIRA, 1996, 1999, 2013; PIZETTA, 1973). Eram tropeiros (BLUM, 1987; DAROS, 1993, 1995, 2000; OLIVEIRA, 1996) e descendiam de luso-brasileiros que também foram, como prova-se pela sua genealogia, locais de nascimento e casamento. As cidades presentes nos registros<sup>11</sup>, mostram que seus antepassados estão inseridos numa rede que liga o Rio Grande do Sul ao Sudeste brasileiro, via Serra.

Os primeiros colonizadores foram tropeiros que se sedentarizaram<sup>12</sup>, e se estabeleceram nas imediações “do Gramado”. Construíram ali, o “primeiro rancho de tábuas, com madeiras falquejadas” (BLUM, 1987, p. 23) e iniciaram atividades econômicas diversas, como agricultura, pecuária e sobretudo, extrativismo de árvores como a erva-mate e a gramimunha (BLUM, 1987; PIZETTA, 1973; DAROS, 1993, 2000). Da gramimunha, retiravam a madeira e a casca, rica em tanino, que era, então, secada e levada no lombo de burros para Taquara, São Sebastião do Caí e São Leopoldo, para ser utilizada como tintura nos curtumes (DAROS, 2000; PIZETTA, 1973).

Atendendo às disposições da Lei de Terras<sup>13</sup>, a demarcação de maior parte do território gramadense foi registrada oficialmente em

---

<sup>9</sup> Casaram-se em 30/12/1874, no município de São Francisco de Paula (OLIVEIRA, 2013, p. 44).

<sup>10</sup> O pai de Leonor possuíam, desde 17/07/1856, terras que, atualmente, abrangem parte do município de Canela e de São Francisco de Paula (OLIVEIRA, 2013, p. 10; OLIVEIRA, 1996).

<sup>11</sup> Os dados foram coletados das obras e artigos de Sebastião Fonseca de Oliveira, pesquisador de registros de terras e genealogias, que traz descrições *ipsis litteris* de documentos desse tipo, os quais são importantes para compreender o início do processo de colonização de Gramado.

<sup>12</sup> Conforme Pesavento (1984), os tropeiros sedentarizados, juntamente com ex-militares tornados fazendeiros, foram os grupos preferidos da Coroa para a distribuição de terras.

<sup>13</sup> Como ficou conhecida a Lei 601 de 18/09/1850. Essa legislação tinha como objetivo o ordenamento jurídico da propriedade da terra e, ao mesmo tempo que visava a regularização fundiária das sesmarias já existentes, definia terras devolutas e seu acesso por compra no regime da colonização. A terra, antes símbolo de status social, a partir desse momento, começa a ser tratada como mercadoria (GIRON, 1980; SEYFERT, 2007).

1880, em nome de José Manoel Corrêa<sup>14</sup>, afirmando que a posse era sua desde 1845. Posteriormente, essas terras foram sendo vendidas para outros colonizadores (BLUM, 1987; CASAGRANDE, 2006; OLIVEIRA, 1999, 2013), como veremos a seguir.

### **Entre compadres, parentes, padrinhos e afilhados: a importância estratégica do território, a expansão do núcleo pioneiro e a colonização por ítalo e teuto-brasileiros**

Desde o início, esse território era estratégico. Primeiramente, por fazer parte da trajetória de tropeiros, entre Viamão/Santo Antônio da Patrulha e São Francisco de Paula/Bom Jesus, como local de repouso transitório. E depois, ao pertencer a Taquara, porque fazia a fronteira norte do município e encontrava-se à longa distância da sede, por volta de 50km. À vista disso, não podia ficar desocupado e muito menos desprovido de monitoramento e arrecadação fiscal. Nesse sentido, os tropeiros e o estabelecimento de redes sociais diversas, foram peça-chave.

Segundo Bauman (2001), na Modernidade, o tempo torna-se a principal ferramenta de poder e dominação, uma vez que quem movimenta-se mais rapidamente pode reivindicar uma fração maior de território, além de controlá-lo, mapeá-lo e supervisioná-lo. E os tropeiros tinham o tempo a seu favor, já que, deslocando-se sob animais, possuíam certa vantagem (mesmo não sendo muita) em relação às demais pessoas, fazendo com que transitassem mais rapidamente sobre o espaço, o conhecessem e passassem a reivindicá-lo, assim como fiscalizá-lo.

Kühn (2006) analisa as relações entre família e poder, buscando compreender em conjunto as redes sociais, as relações de

---

<sup>14</sup> Blum (1987) relata que a posse teria ficado em nome deste, a pedido de Tristão de Oliveira, mas não encontramos outra fonte que afirme o mesmo. Segundo consta, Tristão e sua esposa “não preenchiam os requisitos exigidos pela lei que regulava a distribuição de terras que era ser casado, contar com mais de 25 anos de idade e ter cinco filhos. Em razão disso, foi necessário o socorro ao *compadre* em Lages, de quem consegui procureação e uma ponta de gado para provar a posse. E a escritura de uma sesmaria de terras lhe foi outorgada [...] (BLUM, 1987, p. 182. *Grifo nosso*.)

parentesco, residência e vizinhança, além das estratégias matrimoniais e dos sistemas de herança, assim como o papel dos vínculos de amizade e solidariedade. Para ele, em muitos casos, esse “universo de sociabilidade em que se inseria o indivíduo” (KÜHN, 2006, p. 226) representava um “instrumento de formação de alianças econômicas e políticas” (KÜHN, 2006, p. 232). Em relação ao povoamento de Gramado, isso não foi diferente.

José Manoel Correa, tropeiro, possuía oficialmente a posse. Tristão de Oliveira, também tropeiro, chegou pouco depois, mas não por acaso. Além de seu sogro possuir terras nas proximidades, Oliveira (1999) nos traz a informação de que, seu padrinho de batismo e de casamento foi Tristão José Monteiro<sup>15</sup> e que até seu nome teria sido inspirado nele. Ademais, seria delegado pelo intendente de Taquara, Diniz Martins Rangel<sup>16</sup>, à função de “Guarda de Quarteirão” ou “Inspetor de Seção”, objetivando o controle das “descidas para trocas de mercadorias, em Taquara, Parobé, Santa Cristina, Santo Antônio, São Leopoldo, a volta com rapaduras, cachaça, cereais, cana, doces e o contato para instruções [...]” (DAROS, 1993, p. 54).

Os dois *compadres* tropeiros foram os primeiros colonizadores, mas logo viriam outros. Um vasto território como esse, que possuía, segundo os documentos, 16 480 000 m<sup>2</sup> (OLIVEIRA, 1999), não poderia ficar despovoado. Após estes, viriam outras famílias, também com sobrenomes luso-brasileiros, como Narciso, Santos, Ferreira, Teixeira, Dias, Pereira, etc., cujos integrantes, conforme mostram as genealogias, transcritas por Oliveira (2013), possuíam relações de parentesco com os dois

---

<sup>15</sup> Segundo proprietário da Fazenda do Mundo Novo, às margens do Rio dos Sinos. Transformá-la-ia, no ano de 1846, em Colônia do Mundo Novo, dividindo-a em terrenos que seriam vendidos, sobretudo, a imigrantes alemães. Seu projeto colonizador, está nas origens de Taquara (FERNANDES, 2011).

<sup>16</sup> Daros (2000) relata que este chama Tristão de Oliveira de “compadre” e possuía grande confiança nele. Outro dado curioso, que percebemos nas genealogias transcritas por Oliveira (2013), é que Diniz era parente tanto de Tristão, quanto de sua esposa, Leonor: seus avós eram irmãos.

pioneiros. Logo, formar-se-ia uma pequena vila, com casas afastadas e interligadas por trilhas (DAROS, 1993).

Mas também era importante criar outros núcleos de colonização. Nesse sentido, em torno do ano de 1880, alguns filhos de Tristão de Oliveira, casados com descendentes de José Manoel Correa (OLIVEIRA, 2013), deslocaram-se para o norte e noroeste, fundando a localidade de Linha Nova (PIZETTA, 1973), geograficamente próxima da colônia italiana de Caxias.

Por volta de 1890, aproveitando o crescente movimento migratório<sup>17</sup> no interior do Estado, dividiram, lotearam e venderam as terras de José Manoel Correa, conforme informação e mapa apresentados por Casagrande (2006). A partir daí, inúmeras famílias ítalo-brasileiras foram para aquela direção (DAROS, 1993). Cabe ressaltar, que nesse mesmo contexto e período, a oeste e sul, geograficamente mais próximos das colônias alemãs de Nova Petrópolis e São Leopoldo, também iniciar-se-iam diversos núcleos teuto-brasileiros.

Esse intenso fluxo de ítalo e teuto-brasileiros em direção a Gramado, no último quartel do século XIX, formaria inúmeros outros núcleos de povoamento, as chamadas “linhas”, como são conhecidas, atualmente, as áreas rurais que constituem a zona limítrofe do município em todas as suas direções geográficas.

Esses descendentes de imigrantes alemães e italianos, que habitaram (e ainda habitam) as “linhas” do interior da cidade, seriam responsáveis por constituir as bases socioculturais apropriadas pelo discurso turístico atual, que incluem língua, culinária, festividades e, acima de tudo, a arquitetura. Essas características, fundem-se num dos principais eventos do município: a Festa da Colônia, que teve sua primeira edição em 1985.

---

<sup>17</sup> Denominado por Roche (1969), de “enxamegamento dos pioneiros”, consistiu no processo de saída dos filhos dos colonos das primeiras colônias alemãs e italianas oficiais em direção a outras partes do Estado. Foi motivado pelo crescimento demográfico, divisão e diminuição das propriedades por heranças e esgotamento do solo aliado às técnicas rudimentares de cultivo.

Esse movimento migratório interno, de luso, ítalo e teuto-brasileiros que colonizaria os mais remotos recantos de Gramado, produziria mudanças políticas importantes - que também não foram fruto do acaso. Estão inseridas na conjuntura da ascensão de novas forças políticas no Estado, e que tinham planos para o território.

### **O Centro-Norte do Estado em evidência: agentes econômicos emergentes, forças políticas em articulação e o interesse por Gramado**

Segundo Pesavento (1984), no Rio Grande do Sul, assim como no Brasil como um todo, paralelamente à transição econômica para o Capitalismo, ocorreu a transição política para a República. Em contrapartida, como região fronteiriça, possuía especificidades, materializadas no dualismo geográfico. Desse modo, enquanto no Império predominou politicamente o Sul pecuarista do Estado, na República o eixo de importância deslocar-se-á para o Centro-Norte, havendo, como consequência, um rearranjo das forças políticas (FÉLIX, 1996).

No Centro-Norte, localizavam-se as zonas de colonização alemã e italiana, onde ascenderam socialmente, desde o Império, novas camadas sociais médias, que praticavam atividades econômicas diversificadas, como a agricultura, o comércio e a indústria. Porém, como suas demandas por representação e autonomia política, além de melhora dos transportes, haviam sido ignoradas, esses grupos sociais resolveram optar pela mudança, aderindo ao partido republicano do Estado: o PRR<sup>18</sup> (PESAVENTO, 1984). Convém pontuar, que esse apoio não seria de todo espontâneo, necessitando além de propaganda intensa, da apropriação e uso político da estrutura de relações sociais e dominação preexistente (FÉLIX, 1996).

---

<sup>18</sup> Partido Republicano Rio-Grandense.

A hegemonia do PRR no governo gaúcho consolidar-se-á após a Revolução Federalista (1893-1895). A partir de então, esse partido dominará o cenário político do Estado, com “mãos de ferro”, durante toda a República Velha, até 1930. Félix (1996) defende que a manutenção do PRR no poder por tanto tempo, deveu-se, em primeiro lugar, à sua estratégia centralizadora de cooptar as bases locais, alterando a relação poder local/poder estadual, por meio da integração inconsciente dessas lideranças locais à estrutura partidária. Em segundo lugar, porque tornou-se representante dos grupos sociais emergentes, como os novos setores rurais do Litoral e Serra, e das camadas médias urbanas, como profissionais liberais, comerciantes e funcionários públicos. Em terceiro lugar, porque sua base ideológica valorizava o município, mantendo, diga-se de passagem, a sua autonomia assegurada. E, por fim, através das fraudes eleitorais.

Nesse contexto de deslocamento do eixo econômico para o Centro-Norte do Estado, emergência de novos grupos sociais e rearticulação política, o município de Taquara se emancipa e adquire posição hegemônica na região, ao mesmo tempo que o PRR vai esmagando suas resistências oposicionistas e se consolidando (MOSSMANN SOBRINHO; REINHEIMER, 2011).

Parte integrante do município de Taquara e local estratégico por fazer sua fronteira norte, Gramado também passa por transformações políticas. Em decorrência do aumento populacional (que representava também maior contingente eleitoral), em 10 de novembro de 1904, atinge o status de Quinto Distrito de Taquara, sendo Linha Nova a sede (BLUM, 1987; DAROS, 1993).

Como subintendente, foi nomeado o Major Nicoletti Filho<sup>19</sup>, segundo Zatti (1999), por convite do próprio Borges de Medeiros, como aparece em carta<sup>20</sup> transcrita. O 1º Suplente de subintendente

---

<sup>19</sup> Imigrante italiano. Ex-combatente da Revolução Federalista, que entrara como maragato e saíra como republicano. De 1893 a 1904, foi delegado de polícia em Taquara (ZATTI, 1999).

<sup>20</sup> Documento do Major Nicoletti endereçado a Borges de Medeiros, datado de setembro de 1912. Quem transcreve é um de seus netos, no livro “Raízes de Gramado”.

seria Tristão de Oliveira (BLUM, 1987; DAROS, 1993, 2000). Percebe-se aqui, que o PRR estava a par dos acontecimentos e também encontrou meios de lançar suas redes de poder sobre Gramado. Primeiramente, torna subintendente um italiano (alguém que falava a mesma língua da maioria da população da sede) e, depois, como suplente, um dos mais antigos moradores, que, além disso, era parente do intendente do município e já recebera dele a função de fiscalizar os caminhos. Ademais, Daros (1993; 2000) aponta que na casa de Tristão foram realizadas a maioria das reuniões políticas, assim como as eleições, e que ele era referência nos assuntos comunitários.

Os interesses das lideranças políticas do PRR em Gramado, mostram-se também no precoce estabelecimento do Cartório de Registro Civil, ainda em 1904, que ficaria nas mãos de João Leopoldo Lied, nascido em São Leopoldo, e amigo tanto do subintendente, Major Nicoletti, como do intendente, Diniz Rangel (BLUM, 1987; PIZETTA, 1973).

De acordo com a mesma carta transcrita por Zatti (1999), Nicoletti teria sido enviado provisoriamente por Borges de Medeiros à Linha Nova, em 1904, até que escolhesse um lugar definitivo para a sede do Quinto Distrito de Taquara. A escolha teria demorado cerca de oito anos e a carta seria para sinalizar a confirmação. Quatro meses após a carta, em 17 de janeiro de 1913, pelo ato nº 139, a sede do distrito é transferida (BLUM, 1987; PIZETTA, 1973; DAROS, 1993) para onde está o centro da cidade atualmente: “no Gramado”, nas proximidades de onde estabeleceu-se o antigo núcleo pioneiro. A partir daquele momento, a população de Linha Nova transfere-se quase que totalmente para a sede definitiva, como prova-se pelos registros de compra de terras, e o desenvolvimento ocorre rapidamente (DAROS, 1993; OLIVEIRA, 2013).

Àquela altura, o PRR já vinha cumprindo sua promessa de resolver o problema dos transportes nas zonas de colonização. Em 1903, a ferrovia chegara a Taquara, e não demoraria para que

também chegasse a Gramado, intensificando a urbanização e consolidando seus rumos em direção ao turismo.

### **O progresso está nas cidades e avança pelos trilhos: o trem intensifica o turismo e urbaniza Gramado**

Conforme Pesavento (1979; 1984), o positivismo que integrava a ideologia político-administrativa do PRR, historicamente fora defensor da sociedade burguesa e do desenvolvimento do capitalismo. Desse modo, somente conservando e melhorando essa ordem social, a sociedade seria conduzida ao progresso. Porém, a falta de transportes adequados era uma barreira à ascensão burguesa e à implantação do capitalismo no Estado.

A partir de então, fundem-se política e economia, através da montagem de um aparato estatal administrativo e burocratizado, que interviria eliminando tudo que impedisse o setor privado de lucrar. Nesse sentido, as principais ações do Estado foram o investimento em infraestrutura, sobretudo ferrovias e portos, e a promulgação de decretos e leis, que forneciam incentivos fiscais e privilégios (PESAVENTO, 1979).

A modernização será a principal bandeira dos políticos do PRR, para captar a simpatia dos grupos sociais emergentes, ligados à agricultura, à indústria e ao comércio. Nesse aspecto, no interior da vida municipal, o coronel será o principal intermediador do desenvolvimento (FÉLIX, 1996). E nesse momento, a urbanização será a principal característica da modernização, tendo o trem como vetor do progresso.

Percebemos isso na mesma carta do Major Nicoletti a Borges de Medeiros, transcrita por Zatti (1999), na qual consta, que o coronel João Correa teria procurado o subintendente, em 1911, para

mostrar-lhe os pontos determinantes e obrigatórios por onde deveria passar a estrada de ferro que pretendia construir de Taquara a Canela. Passeando nós dois a cavalo aqui em Gramado, paramos, e eu disse-lhe que este era um dos pontos por que a

estrada deveria passar, por ser o ponto mais baixo da cordilheira da Serra do Mar com a Serra Geral (NICOLETTI, 1912 *in* ZATTI, 1999, p. 41).

Oito anos depois, no ano de 1919, o trem chegaria a Gramado, na zona periférica ao sul, denominada Várzea Grande. E, por fim, em 1921, chegaria à sede do Quinto Distrito. Doravante, o local que era descrito como repleto de “banhados e matas virgens”, vai adquirindo, nas imediações da ferrovia, feições modernas, como é possível observar na fotografia abaixo, retirada em algum momento entre 1935 e 1940:

**Fotografia 2 - Vista panorâmica da Avenida Borges de Medeiros com os trilhos do trem em primeiro plano - Final da década de 1930**



Fonte: Arquivo Público Municipal João Leopoldo Lied (*in* CASAGRANDE, 2006, p. 30).

O trem foi responsável por intensificar o fluxo de turistas, contribuindo para qualificar e quantificar a sua tendência hospitaleira, presente desde a época do tropeirismo, que legou-lhe as primeiras pensões e hospedarias. Segundo Casagrande (2006), ainda em 1918, a antiga pensão Bertolucci, transformar-se-ia em Hotel Bertolucci, o primeiro hotel de Gramado. Na década de 1930, surgiria o Hotel Fisch e, na década seguinte, os hotéis Candiago e Sperb. Os quatro hotéis ficavam em sequência na Avenida Borges de

Medeiros (BEHREND, 1999). Até mesmo na localidade ao sul, chamada Várzea Grande, distante 7km da sede, onde o trem chegou primeiro, houve a abertura de um hotel: o Hotel Casagrande.

De acordo com Pizetta (1973) e Blum (1987), na década de 1920, Assis Brasil visitou Gramado e denominou o local de “Suíça Brasileira”. O político gaúcho desembarcou de trem e, ao que parece, sentiu-se atraído pelas peculiares características urbanas do então Quinto Distrito de Taquara, porque existem cinco fotografias suas dessa época e mais um cartão postal. Seria, desse modo, responsabilidade sua a origem e difusão do “apelido”, que confere a Gramado, atualmente, o status de “pedaço da Europa na Serra Gaúcha”. Em contrapartida, a apropriação e patenteamento desse discurso pelo poder público, dar-se-á apenas a partir da década de 1970 (GEVEHR; BERTI, 2018).

**Fotografia 3 - Desembarque de Assis Brasil em Gramado, década de 1920**



Fonte: Arquivo Público Municipal João Leopoldo Lied, Pasta 1920, Folha 10.

Mas o que teria chamado a atenção de Assis Brasil em Gramado na época? As duas fotografias a seguir, datadas da década

de suas visitas, permite-nos ter uma noção. Além da paisagem e do clima, estão as características arquitetônicas presentes em algumas residências, que chamam a atenção, acima de tudo pelos telhados pontudos e estilizados com lambrequins<sup>21</sup>, assim como pelas sacadas e varandas.

**Fotografia 4 - Gramado em 1924**



Fonte: Arquivo Público Municipal João Leopoldo Lied, Pasta 1920A, Folha 5.

**Imagem 5 - Casa do Dr. Richard Sturmhoeffel, 1928**



Fonte: Arquivo Público Municipal João Leopoldo Lied, Pasta 1920A, Folha 6.

O desenvolvimento urbano foi tamanho, que, até o final da década de 1930, Gramado já possuía, além dos hotéis, agência de

---

<sup>21</sup> Recortes de madeira com formatos diversos, pendentes no entorno dos telhados. São utilizados, sobretudo, na arquitetura alemã, italiana, polonesa e ucraniana.

correios (1918), escritório do Banco Nacional do Comércio (1918), iluminação elétrica (1920), escola católica (1926), grupo escolar público (1930), farmácia (1930), cinema (1930), Igreja Matriz São Pedro (1935), hospital (1937), e ainda um Café - precursor dos Cafés Coloniais, três casas comerciais e três indústrias artesanais (vime/móveis, vinho e bebidas diversas). Tudo isso possibilitou que o local fosse elevado ao status de Vila, pela Lei Estadual nº 7199, de 31 de março de 1938 (BLUM, 1987; PIZETTA, 1973).

Outro elemento responsável por engrossar as filas do turismo em Gramado, foi uma nova leva de imigração germânica, no início do século XX, dessa vez de uma elite culta, composta de médicos, pintores, professores, além de um agrimensor (SPARREMBERGER, 2000). Esta elite seria responsável por construir parques, como o Parque Knorr e o Parque Hotel; dois lagos artificiais, o Lago Joaquina Rita Bier e o Lago Negro; além de incentivar o ajardinamento do município, através do plantio de flores diversas, sobretudo a hortênsia, assim como outras plantas e árvores exóticas (BEHREND, 1999; KNORR, 2000; SPARREMBERGER, 2000). Ademais, inaugurariam a era das casas de veraneio e incentivariam a visitação a locais de balneário naturais, como as cascatas.

A emancipação viria em 1954, pela Lei Estadual nº 2522, após a primeira tentativa de 1948 falhar (BLUM, 1987). Ou seja, ao final da década de 1940, o progresso urbano motivado pelo turismo e pelo trem era tamanho que os membros da elite econômica e as lideranças políticas da Vila de Gramado, cujos interesses estavam em jogo, acreditavam que àquela altura já poder-se-ia “andar com as próprias pernas” como município.

## **Considerações Finais**

Seguindo a fórmula de Marc Bloch, partimos da situação presente de Gramado em direção ao passado, e, partir da história do município, buscamos compreender o seu presente.

De início, acreditávamos que a ocupação do território de Gramado teria sido obra do acaso, que os colonizadores teriam vindo espontaneamente porque havia terra disponível. A situação, porém, é mais complexa. O povoamento inicial luso-brasileiro de Gramado esteve imbricado de relações de poder, parentesco e compadrio, que tiveram como pano de fundo o tropeirismo.

O tropeirismo, além de proporcionar o reconhecimento geográfico da área, que ficaria famosa, a partir de então pela sua topografia e toponímia, legou-lhe a sua vocação para hospitalidade, transitoriedade e extraterritorialidade, que são marcas do turismo contemporâneo.

O núcleo pioneiro dos luso-brasileiros e a presença de boas terras atraiu os novos colonizadores ítalo e teuto-brasileiros, que deixaram as características socioculturais hoje postas em evidência pelo poder público e privado através da culinária, arquitetura e eventos. Igualmente, proporcionaram o aumento da densidade demográfica do território, que evoluiu em status político, porque isso representava mais eleitores para as forças políticas em ascensão.

Durante a República Velha, a nova configuração política e econômica do Estado e sua tendência modernizadora positivista, trouxeram a ferrovia para o território gramadense, facilitando a vinda dos turistas para o então distrito, que precisou preparar-se estruturalmente. A estruturação para o turismo, através de hotéis, cinema, café e indústrias artesanais, ao mesmo tempo que urbanizou fez com que ascendesse econômica e politicamente uma elite local, que decidiu lutar pela emancipação.

## Referências

BARROSO, Vera Lucia Maciel. O tropeirismo na formação do Sul. In: CAMARGO, Fernando; GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloisa (Dir.). *Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 1, p. 171-187 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEHREND, Cláudio. Etapas do turismo. In: KOPPE, Iraci. *Raízes de Gramado*. Porto Alegre: Metrópole, 1999, p. 189-193.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BLUM, Germano Marcolino (Org.). *Gramado, simplesmente Gramado*. Gramado: Prefeitura Municipal de Gramado, 1987.
- CASAGRANDE, Gilnei Ricardo. *Um cheiro de vinho: presença italiana em Gramado*. 2006. 106 p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- DAROS, Marília. *Janelas, Portas, Varandas e... Saudade: Gramado em algum momento do passado*. Porto Alegre: Evangraf, 1993.
- \_\_\_\_\_. Do tropeirismo ao turismo: caminhos e atalhos que formaram Gramado. In: SANTOS, Lucila Maria Sgarbi; VIANNA, Maria Leda Costa; BARROSO, Vera Lucia Maciel. *Bom Jesus e o tropeirismo no Brasil Meridional*. Porto Alegre: EST, 1995.
- \_\_\_\_\_; BARROSO, Vera Lucia Maciel (Orgs.). *Raízes de Gramado*. Porto Alegre: EST, 2000.
- DORNELES, Edson Bertin. *Gramado: a produção e consumo de uma imagem de cidade europeia no Brasil*. 2001. 172 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, borgismo e cooptação política*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- FERNANDES, Doris Rejane. Dos caminhos de tropeiros às moradas de favor, às fazendas, à cidade de Taquara: História do século XVIII ao XX. In: REINHEIMER, Dalva *et al.* *Caminhando pela cidade: apropriações históricas de Taquara em seus 125 anos*. Porto Alegre: Evangraf, 2011, p 15-34.

GEVEHR, Daniel Luciano; BERTI, Franciele. *Uma pequena Europa na Serra Gaúcha*: as apropriações culturais na arquitetura no espaço urbano de Gramado (RS). *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, jan./jun., 2018, p. 48-57. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/agora/index>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

GIRON, Loraine Slomp. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, José Hildebrando. *RS: Imigração & Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 47-66.

KNORR, Ilga Korndörfer. Parque Knor: por um ideal. In: DAROS, Marília; BARROSO, Vera Lucia Maciel (Orgs.). *Raízes de Gramado*. Porto Alegre: EST, 2000, p. 108-114.

KÜHN, Fábio. A prática do dom: família, dote e sucessão. In: CAMARGO, Fernando; GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloisa (Dir.). *Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 1, p. 225-239 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

MENDES JÚNIOR, Cláudio Wilson. *Expansão da ocupação urbana de Gramado*: estudo de caso da aplicação de fotografias aéreas de pequeno formato e SIG. 2002 172 p. Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto) – Centro Estadual de Pesquisas em Sensoriamento Remoto e Meteorologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MOSSMANN SOBRINHO, Paulo Gilberto; REINHEIMER, Dalva. A emancipação de Taquara do Mundo Novo: um evento de intensas (re) articulações políticas. In: REINHEIMER, Dalva *et al.* *Caminhando pela cidade*: apropriações históricas de Taquara em seus 125 anos. Porto Alegre: Evangraf, 2011, p. 35-47.

OLIVEIRA, Sebastião Fonseca de. *Aurorescer das sesmarias serranas*: história e genealogia. Porto Alegre: EST, 1996.

---

\_\_\_\_\_. Terras e Possesiros. In: KOPPE, Iraci (Coord.). *Raízes de Gramado*. Porto Alegre: Metrópole, 1999, p. 13-21.

---

\_\_\_\_\_. *Antigos Povoadores de Gramado*. Gramado: Editora das Hortênsias, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. República Velha Gaúcha: “Estado autoritário e economia”. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. RS: Economia & Política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p. 193-228.

\_\_\_\_\_. *História do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

PIZETTA, Mário. *Gramado: ontem e hoje*. Caxias do Sul: Paulinas, 1973.

RIEGEL, Romeo Ernesto. Quatro raízes e uma árvore. In: DAROS, Marília; BARROSO, Vera Lucia Maciel (Orgs.). *Raízes de Gramado*. Porto Alegre: EST, 2000, p. 25-31.

ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

SEYFERT, Giralda. Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção multidisciplinar. In: \_\_\_\_\_; PÓVOA, Helion; ZANINI, Maria Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de O. (Orgs.). *Mundos em movimento: ensaios sobre migrações*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007, p. 15-45.

SILVA, Aldo José Morais. *O Hino à Feira: entre a representação e a identidade*. Projeto História, São Paulo, v. 61, Jan-Abr, 2018, p. 115-147. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/35587/251>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

SPARREMBERGER, Iara. Identidade cultural de Gramado. In: DAROS, Marília; BARROSO, Vera Lucia Maciel (Orgs.). *Raízes de Gramado*. Porto Alegre: EST, 2000, p. 137-139.

WEBER, Eduardo da Silva. *Mosè Bezzi (1872-1957): imigração, ferrovia, comércio e relações de poder no Quinto Distrito de Taquara (Gramado, RS)*. Trabalho apresentado no III Seminário Internacional Micro-História, Trajetórias e Imigração, Unisinos, São Leopoldo, 2018. Texto não publicado.

ZATTI, José Augusto. Major José Nicoletti Filho. In: KOPPE, Iraci (Coord.). *Raízes de Gramado*. Porto Alegre: Metrópole, 1999, p. 47-53.

